

**A Construção do Feminino em “Olhos D’água”, de
Conceição Evaristo: Uma Análise de Performances Pós-
Identitárias de Gênero**

**The construction of the feminine in " Olhos D’água ", by Evaristo
Conceição: an analysis of post-identity performances of gender**

Natanael Duarte Azevedo*

* Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, Recife - PE, 52171-900, e-mail:
natanael.duarte.ufpb@hotmail.com

Iran Ferreira de Melo**

** Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, Recife - PE, 52171-900, e-mail:
iranmelo@hotmail.com

RESUMO: A literatura afrofeminina sempre esteve à margem do cânone literário, identificando-se com a literatura “subalterna” excluída pela Tradição, ou seja, o “pensamento heterossexual” (WITTING, 2006) que silencia os grupos marginalizados e não-canônicos, a saber: mulheres, negros, homossexuais, entre outros que não correspondem ao modelo heterossexual-ocidental, representado pela branquitude. Dessa forma, analisar a obra “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, serve de mecanismo para desconstrução e desnortização da análise literária clássica. A obra de Evaristo é considerada, além de seu destaque literário, como um instrumento de luta da literatura de autoria feminina e negra, dando voz às denúncias da opressão e da violência. Objetivamos com o nosso trabalho problematizar outras óticas do texto com base na análise discursivo-social das personagens femininas da obra de Conceição Evaristo. Através dessa análise podemos interrogar os lugares e a representação de valoração das práticas culturais não-hegemônicas, a fim de perverter a ordem patriarcal heteronormativa e legitimar a estética literária, “desmantelando” a naturalização da violência contra as mulheres negras e pobres.

PALAVRAS-CHAVE: literatura afrofeminina, literatura “subalterna”, gênero.

ABSTRACT: Afrofeminine literature has always been on the margins of the literary canon, identifying itself with the "subaltern" literature excluded by Tradition, that is, "heterosexual thinking" (WITTING, 2006) that silences marginalized and non-canonical groups, namely: Women, blacks, homosexuals, among others that do not correspond to the heterosexual-western model represented by whiteness. Thus, to analyze the work "Eyes of water", by Conceição Evaristo, serves as a mechanism for deconstruction and denormatization of classical literary analysis. The work of Evaristo is considered, besides its literary highlight, as an instrument of struggle of the literature of feminine and black authorship, giving voice to the denunciations of the oppression and the violence. We objectify with our work to problematize other optics of the text based on the discursive-social analysis of the female characters of the work of Conceição Evaristo. Through this analysis we can interrogate the

places and the valuation representation of non-hegemonic cultural practices in order to pervert the heteronormative patriarchal order and legitimize the literary aesthetics by "dismantling" the naturalization of violence against black and poor women.

KEYWORDS: afrofeminine literature, "subaltern" literature, genre.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura "subalterna" assume um lugar epistemológico de ascensão das minorias excluídas pela Tradição, ou seja, o "pensamento heterossexual" (WITTIG, 2006) que silencia os grupos marginalizados e não-canônicos, a saber: mulheres, negros, homossexuais, entre outros que não correspondem ao modelo heterossexual-ocidental, representado pela branquitude.

Nesse cenário, apresentamos uma proposta de desconstrução e desnormalização da análise literária do livro de contos "Olhos d'água", de autoria feminina e negra, dando voz às denúncias da opressão e da violência através da escrita de Conceição Evaristo. Tomaremos como fio condutor o conto "Maria", uma vez que esse conto sistematiza o lugar assumido pela mulher negra em nossa sociedade.

Objetivamos com este trabalho problematizar outras óticas do texto com base na análise discursivo-social da personagem "Maria" que representa tantas outras Marias que vivem em nossa sociedade. Através dessa análise, podemos interrogar os lugares e a representação de valoração das práticas culturais não-hegemônicas, a fim de perverter a ordem patriarcal heteronormativa e legitimar a estética literária, desmantelando a naturalização da violência contra as mulheres negras e pobres.

Dar voz aos personagens negros, muitas vezes silenciados pela história da literatura, torna-se não apenas um posicionamento artístico, mas um ato político. É bem verdade que tratar da temática de gênero e racial na literatura é uma questão complexa, como afirma Duke (2016), devido às suas raízes com a história da escravidão e do machismo na construção da identidade brasileira, porém, segundo a autora, essa forma de fazer/ser¹ objeto da literatura vem se tornando cada vez recorrente numa mescla de ativismo e arte literária.

¹ A poética de Conceição Evaristo é marcada por traços de resistência e da memória histórica e individual da condição do povo negro, em especial das mulheres negras no Brasil. As temáticas da diáspora e da construção da identidade dos afrodescendentes funcionam como fio condutor da narrativa de seus romances, contos e poemas (DUARTE, 2006).

A obra “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, traz em sua composição 15 contos que tratam da temática da exclusão social. As abordagens são multifacetadas, revelando variadas situações da pobreza e da violência urbana, tendo como fio condutor das narrativas a população afro-brasileira. Dispomos no quadro abaixo a relação dos contos existentes no livro e os personagens femininos que dão vida e voz às mulheres negras no Brasil contemporâneo.

Conto	Personagem
Olhos d’água	Filha
Ana Davenga	Ana Davenga
Duzu-Querença	Duzu-Querença
Maria	Maria
Quantos filhos Natalina teve?	Natalina
Beijo na face	Salinda
Luamanda	Luamanda
O cooper de Cida	Cida
Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos	Zaíta
Di lixão	Di lixão (a mãe puta) ²
Lumbiá	Lumbiá ³
Os amores de Kimbá	Kimbá (Beth-Gustavo) ⁴
Ei, Ardoca	Ardoca
A gente combinamos de não morrer	Bica
Ayoluwa, a alegria do nosso povo	Ayoluwa, filha da esperança

Para a nossa análise, optamos por apresentar o conto “Maria”, uma vez que Conceição Evaristo demonstra a arte literária na condução da narratividade do conto “Maria”, mas (e ao mesmo tempo) trata de questões políticas, dando voz a uma Maria que representa tantas outras Marias de nossa sociedade.

² No conto “Di lixão”, o personagem principal é um menino de rua, porém há uma relação intrínseca entre a sua revolta com a vida e a mãe prostituta que foi assassinada.

³ No conto “Lumbiá”, o personagem principal é um menino que vende rosas e balas nas ruas. Aparecem na narrativa duas personagens femininas, a mãe e a irmã, mas o mote do conto é a identificação que Lumbiá sente ao ver o Deus-menino (uma imagem do Menino Jesus no presépio) com sua fragilidade e pobreza.

⁴ No conto “Os amores de Kimbá”, o personagem é um jovem negro da favela que vive um triângulo amoroso bissexual com Beth e Gustavo, brancos, ricos e bem-sucedidos, porém a relação se torna um fardo para Kimbá, pois não consegue lidar com a situação em que se encontra.

INTERFACES ENTRE A LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E O
RASTRO HISTÓRICO DA LUTA CONTRA O MACHISMO BRANCO

A construção das diversas sociedades, em muitos momentos da história, esteve pautada nas relações de poder que se edificaram de várias formas. Dentre os diferentes mecanismos de controle e normatização das populações, os dispositivos de biopolítica que disciplinam e controlam corpos e desejos sempre estiveram à frente, causando sofrimento e morte a quem ousa expressar-se de maneira adversa aos seus preceitos (MISKOLCI, 2015). Com a crescente guinada política nessa direção dos últimos tempos, a indústria cultural vem, cada vez mais, ocupando espaço na ratificação das relações de poder hetero-cis-normativo, que desconhece as múltiplas facetas da expressão humana e impõe padrões binários daquilo que se espera do ser homem e do ser mulher.

No entanto, um movimento político-estético tem ido à contração dessa perspectiva e a literatura é uma de suas protagonistas. De acordo com Louro (2015), os estudos sobre a subalternidade de identidades não normativas de gênero surgem nos anos 1980, inseridos em um cenário aberto pelos movimentos sociais surgidos duas décadas antes, principalmente o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o movimento feminista e o então movimento homossexual. Tais ativismos ganham força e visibilidade na época da contracultura e costumam ser associados à emergência de novos sujeitos históricos que passam a demandar direitos e a influenciar na produção do conhecimento. O discurso literário no Brasil não passa ao largo disso e promove uma explosão de produções naquele momento (Caio Fernando Abreu, Ana Cristina César, João Silvério Trevisan), mas ainda sem um cenário que questione profundamente a integração gênero e raça.

A partir da segunda metade da década de 1980, há um processo de reavaliação desses movimentos, seus sujeitos e suas demandas. É o momento em que feministas negras, e do então chamado Terceiro Mundo, começam a criticar o caráter branco, de classe média e ocidental do feminismo anterior. Em dinâmica similar e articulada, o movimento homossexual e o feminista passam a ser questionados por aqueles/as que, ainda que defendendo o cerne de tais movimentos, não se alinham às identidades branca e burguesa, predominantes neles. Eis que emergem interseções de cariz descolonial que denunciam questões de raça/cor e classe no interior do próprio ativismo contracultural daquele momento (MISKOLCI, 2015). Não distante disso, a literatura já começa a dar o

seu fôlego de reflexo dessa conjuntura, nos anos 1980, com “As mulheres de Tijucofapó”, de Marilene Felinto, e, nos anos 1990, com obras como “A lua que menstrua”, de Elisa Lucinda, e a inserção de Conceição Evaristo na antologia “Cadernos Negros”.

Tais questões entram, com isso, na pauta de diferentes grupos que, hoje, buscam afirmar uma mudança social integrada que respeite todas as diferenças e promovam a socialização de saberes populares e científicos em prol de uma aliança com diferentes agendas marginalizadas pelo sistema socioeconômico dominante e pelos modelos culturais excludentes. Esse padrão rizomático é objeto da problematização na abordagem de toda a obra de Conceição Evaristo. Os desdobramentos heurísticos desse padrão, em sua literatura, se dão pelo diálogo essencial que creditamos à relação entre as questões supracitadas e as ideologias racistas históricas em nosso país. No texto “Maria”, o machismo branco como modelo cultural no qual somos educados/as constitui a mola-mestra das práticas de enquadramento sobre os corpos, do disciplinamento comportamental e, conseqüentemente, do estigma e da exclusão a quem não corresponde a tal padrão. A seguir, trataremos como isso se revela no discurso desse conto.

DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO, PODER E IDENTIDADE: A ESTEREOTIPAGEM COMO INSTRUMENTO POLÍTICO DE SUBMISSÃO

A noção de representação no período pós-estruturalista tem sua ancoragem nos estudos culturais seja pelos estudos da História Cultural de Bourdieu (2007) e Chartier (2002 e 2007), seja pelos estudos sociais/antropológicos (HALL, 2016).

Os estudos da História Cultural nos servem para entendermos a relação intrínseca entre a representação e a enunciação/discurso, uma vez que, por um lado, interessa-nos resgatar o discurso presentificado na literatura que traz em sua produção de sentido as marcas do passado histórico. Por outro, os estudos de Hall (2016) se apresentam fundantes na construção argumentativa que buscamos empreender em nossas análises, pois, como afirma o autor, “a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura” (HALL, 2016, p.31).

Por meio da linguagem (literária), podemos verificar no conto “Maria” os discursos marcados do preconceito como instrumento político-cultural de submissão e de poder, uma vez que a representação da mulher negra, personagem-título do conto de Conceição Evaristo, traz em si as marcas memorísticas da dor, da marginalidade, da

condição subalterna. Essa “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016, p. 31 – grifo do autor).

Assim como Davis (2016) observou na construção da identidade da mulher negra dos EUA, podemos pensar a condição da mulher negra no Brasil, pelo menos no que diz respeito aos lugares sociais ocupados historicamente por essas mulheres. Do mesmo modo como aconteceu nos EUA, no Brasil, a mulher negra foi constituída por meio de estereótipos que marcaram o passado e marcam o presente por meio da resistência à opressão. E a literatura se presta ao serviço de dar voz aos indivíduos silenciados pela violência e a marginalização a que foram submetidos pelo grupo hegemônico e detentor do poder na sociedade.

Apesar de a representação do(a) negro(a) (re)velar personagens em situação de vulnerabilidade social e/ou vítimas do preconceito, a literatura contemporânea busca demonstrar o empoderamento por meio de ações afirmativas, sem deixar de denunciar os abusos historicamente construídos pela sociedade branca. Duarte (2006, p. 306) afirma que é característica da maioria dos autores afro-brasileiros “a construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente, de resistência à opressão”.

Se por um lado, a literatura canônica representava o negro por meio de uma estereotipagem, “reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas” (HALL, 2016, p. 173), por outro, vemos em Evaristo (2016) a denúncia da violência contra o povo negro, em especial a mulher negra, mesmo que representada por uma estereotipagem reducionista que naturaliza e fixa o “diferente” (HALL, 2016).

De acordo com Hall (2016, p. 192 – grifos do autor), “outra característica da estereotipagem é a sua prática de *fechamento* e *exclusão*. Simbolicamente, ela *fixa* os limites e exclui tudo o que não lhe pertence”. No conto “Maria”, essa exclusão social é marcada pela felicidade da personagem em receber o alimento que sobrara do jantar (os restos de uma festa) de sua patroa e a indagação (talvez esperançosa) do que as crianças achariam do sabor do melão (*a priori* uma fruta comum, mas que nunca tinha sido oferecida aos seus filhos).

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham

enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. [...] Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão (EVARISTO, 2015, p. 39-40).

O contraponto econômico-social existente na narrativa (a patroa que oferece uma festa farta de alimentos e a empregada que se satisfaz com os restos e uma gorjeta) nos indica a relação de posição de poder que caracteriza a estereotipagem, uma vez que em termos de representação, “a estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído” (HALL, 2016, p. 192 – grifos do autor).

A segregação existente na relação patroa-empregada revela uma sociedade fragmentada no que diz respeito aos direitos igualitários e à divisão econômica. Enquanto vemos Maria do outro lado da margem social, cindida de seus direitos, de suas conquistas econômicas, sociais e sentimentais, podemos perceber como a estereotipagem imposta ao sujeito negro só reforça essa exclusão social, um fantasma que só se faz necessário no momento de servir ao grupo hegemônico, dada a faceta da construção de um estereótipo historicamente marcado na pele preta.

A cor da pele considerada “diferente”, “exótica” – em relação ao grupo hegemônico – “implanta uma estratégia de ‘*cisão*’, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável [...] exclui ou *expele* tudo o que não cabe, o que é diferente” (HALL, 2016, p. 191).

O que faz por em xeque esse jogo perverso praticado pela sociedade racista é que Maria (assim como muitas outras Marias pobres, negras da periferia) é uma mãe batalhadora que pensa nos filhos, uma mulher que ama, mas foi abandonada por razões diversas, do mesmo modo como muitas outras mulheres brancas.

Ao entrar [no ônibus], um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele (EVARISTO, 2015, p. 40).

Maria é vista como “anormal e inaceitável”, mas ela comunga dos desejos de todo sujeito, independentemente da cor da pele e da origem de seu povo. E assim como toda mulher, Maria ama, sente saudades, mas não perde a esperança.

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade do peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma (EVARISTO, 2016, p. 41).

Mas cabe a todas as Marias o peso da escravidão que aliena e subverte a condição humana para o povo negro. Elas são consideradas “forasteiras” nessa terra “esbranquiçada” pela história, pelos homens que viam os negros como inumanos, como não pertencentes aos progressos intelectuais (DAVIS, 2016).

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles (HALL, 2016, p. 192).

Cabe às Marias, silenciadas pelos abusos históricos (vítimas da sua condição de mulher de pele preta e pobre), o peso da marginalização, da criminalidade imposta e/ou insinuada, da dúvida da decência e da honestidade. É novamente a estereotipagem vista como um “elemento-chave deste exercício de violência simbólica” (HALL, 2016, p. 193).

Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa do seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. [...] Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: *Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também* (EVARISTO, 2016, p. 41-42 – grifos nosso).

O que é posto no discurso racista “Negra safada” é a criminalização por causa de sua raça e a dúvida da honestidade (“estava de coleio com os dois”). A representação dessa identidade é marcada pela violência simbólica, pela submissão ao poder da Tradição (WITTIG, 2006), pela relação tensa existente entre a violência física e a

psicológica. São cicatrizes que marcam o corpo e a alma, como o aprisionamento por meio dos grilhões e a dança do chicote que insiste em arrancar lágrimas e sangue. Mas Maria não está mais na condição de escrava punida pelo feitor ou pelo capitão do mato. Talvez seja pior, Maria está na condição de escrava de sua história, de seu povo, de sua memória. Maria está presa no jogo feroz e perverso do poder. Maria é reduzida, é simplificada, é fixada a sua natureza de mulher negra, é estereotipada.

Na estereotipagem, então, estabelecemos uma conexão entre representação, diferença e *poder*. [...] Muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder na *representação*; poder de marcar, atribuir e classificar; do poder *simbólico*; do poder da expulsão *ritualizada*. O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado “regime de representação” (HALL, 2016, p. 193).

Na representação da construção da identidade de Maria[s], percebemos bem a conexão entre diferença e poder no processo de estereotipagem, uma vez que não cabe à mulher negra o direito de questionar os seus agressores, de se defender da culpa imputada e ela. Maria é prisioneira do ciclo do poder a quem cabe obedecer quem o detém. Não houve defesa e contra-argumento. Maria é punida, é dilacerada, é fragmentada, é cindida como o que sempre coube e ainda cabe à mulher negra.

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* [...] *Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. [...] *Lincha! Lincha! Lincha!* Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iam gostar de melão? [...] Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (EVARISTO, 2016, p. 42 – grifos nosso).

“Lincha! Lincha! Lincha!...”. E Maria cedeu calada, silenciada como seus antepassados, mas um grito quis ecoar. Um grito de resistência, um grito de denúncia. Maria quis dizer ao filho “que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho”.

Maria gritou um basta por meio do amor. Maria gritou pelo silêncio “ensurdecador” da escrita de Evaristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura “subalterna” de Conceição Evaristo revela como os indivíduos marginalizados pela sociedade hegemônica ainda são vítimas de violência físicas e simbólicas, mas também presta um serviço à comunidade afrodescendente, denunciando os crimes cometidos contra o povo negro e pobre. A periferia e seus afluentes servem de cenário, o racismo aparece como antagonista, a negritude como protagonista e a ascensão das minorias insurge como fio condutor da narrativa.

Evaristo denuncia o ciclo perverso do poder que aprisiona a mulher negra à sua história por meio de uma escrita de resistência, politizada e afirmativa. Conforme Hall (2016):

A circularidade do poder é especialmente importante no contexto da representação. O argumento é que todos – os poderosos e os sem poder – estão presos, *embora não de forma igual*, na circulação do poder. Ninguém – nem suas vítimas aparentes, nem seus agentes – consegue ficar completamente fora do seu campo de operação (HALL, 2016, p. 197).

Através do conto “Maria”, percebemos quantas outras Marias passam pelas mesmas violências físicas e simbólicas em seus cotidianos, seja dentro de casa ou na rua, com seus parceiros ou com desconhecidos. Às Marias negras da periferia resta a circularidade da relação do poder. Mesmo que elas tentem escapar dos grilhões, estão lá, aprisionadas, esquecidas, violentadas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- _____. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Rev. Estud. Fem.*[online]. 2006, vol.14, n.1, p.305-308. Disponível

em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017>>. Acessado em: 15/11/2016.

DUKE, Dawn (Org.). *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Cadernos de diversidade)

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. (Tradução de Javier Sáez e Paco Vidarte). Beacon Press, Boston: Editorial EGALES, S.L., 2006.

Data de recebimento: 25/06/2017

Data de aprovação: 31/08/2017